

# Chichorro

É DOMINGO O DIA PARA A ENTREVISTA, marcada para a sua casa. Chichorro prepara o almoço, a sala será em breve invadida por amigos: portugueses, cabo-verdianos, moçambicanos. Vêm “mariscar umas lulas”, uma tarde de conversa amena, de sabores e sons a lembrar longínquas paragens africanas.

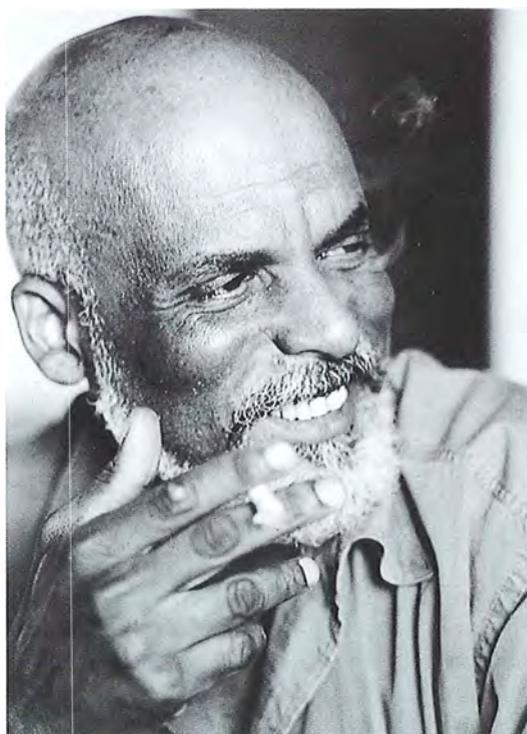
Nas paredes os quadros espalham manchas de cores vivas que prendem o olhar. A força das formas, o impacto da paleta de tons, a delicadeza dos temas. E os grandes quadros, últimos, mais abstractos, onde de relance se vislumbra um violão, as coxas de uma mulher, uns olhos penetrantes.

Chichorro pode ter-se radicado definitivamente em Portugal, mas a sua obra grita-nos os coloridos da sua terra, apresenta-nos os usos e as gentes do Maputo. Numa mistura de mensagens para a vista e para o coração.

**Como é que começa esta intensa relação com a arte? Há um primeiro “clic” de que tenhas memória?**

Acho que é desde sempre. Todos os miúdos têm tendência para esta forma mais directa de comunicar; enquanto não há o controlo da palavra, as formas são instrumento por excelência de comunicação. Mas também é certo que, entre inevitáveis desejos de vir a ser bombeiro, ou pirata, para mim passava por ser pintor. A família achava graça, julgo que pensavam ser algo de inimaginável. Em seguida veio a fase dos desenhos nos muros das lojas que a malta lá tinha, as lojas dos portugueses, dos chineses e dos indianos. Normalmente tinham uns muros dispostos a propósito para nós, que habitualmente andávamos à cata de uns carvões. Passávamos e fazíamos um desenho, deixávamos recados uns aos outros...

**Umhas grandes superfícies brancas muito tendadoras!**



Nem imaginas, faziam o nosso deleite... enormes, imaculadas, davam uns magníficos murais. A coisa começa por aí. Também me lembro de um dia a minha mãe estar a lavar roupa, tínhamos uma casa com quintal, com criação, e o lavadouro era debaixo de um telheiro nesse quintalão. Eu estava na varanda a fazer os deveres da escola, agarrei nas aguarelas e pus-me a desenhá-la. Quando lhe ofereci a obra, achou muita graça mas lembrou-me que ser pintor era coisa muito mais séria que fazer aqueles retratinhos ingénuos. Claro que a disciplina de Desenho me encantava e era sempre dos melhores alunos.

**Acontece a tantos meninos que nunca serão pintores...**

A coisa ganhou um cariz mais sério quando estava na tropa, em Nampula, e era colega de quarto do Carneiro Gonçalves, irmão do poeta Sebastião Alba. Ia fazendo os meus bonecos, desenhava sempre, e um dia ele perguntou-me porque é que não pintava, já que desenhava razoavelmente. Resolvi comprar tintas e experimentar, mas algum tempo depois olhei para aquilo à minha volta, achei muito mau o resultado, deitei fogo a tudo. Só no regresso a Lourenço Marques as coisas se precipitaram. Havia umas colectivas por altura dos festejos da cidade, eu continuava a pintar umas coisas e o Carneiro Gonçalves, com quem continuava a dar-me muito, uma vez chega lá a casa e insiste para que eu leve uns quadros à comissão organizadora da colectiva. Resisti muito, achava que aquilo era demasiado sério para eu tentar. Mas ele um dia levou-me umas obras e mostrou ao Garizo do Carmo, que teve um comentário relativamente favorável. Aí, senti-me desafiado. Apresentei os meus trabalhos e foi exposto um deles.

**Com que idade foi essa estreia?**

Tinha 24 anos. No seguimento deste episódio achei que tinha algum sentido levar as coi-

sas mais a sério. Dois ou três anos depois fiz a minha primeira exposição individual, na Cooperativa das Casas. Assumi-me como pintor. Mas aquele círculo era restrito, era a “malta da terra”; a minha família era muito conhecida, o meu tio era desportista e massagista do Ferroviário, o meu pai era técnico de recuperação de gás para os balcões frigoríficos da cerveja, todos o conheciam, eu próprio jogava futebol e fazia atletismo. Num meio pequeno, se calhar havia um bocado de empatia e complacência, do género “o Chichorro é um tipo porreiro, vou-lhe comprar uma coisita”.

**És uma pessoa difícil de convencer?**

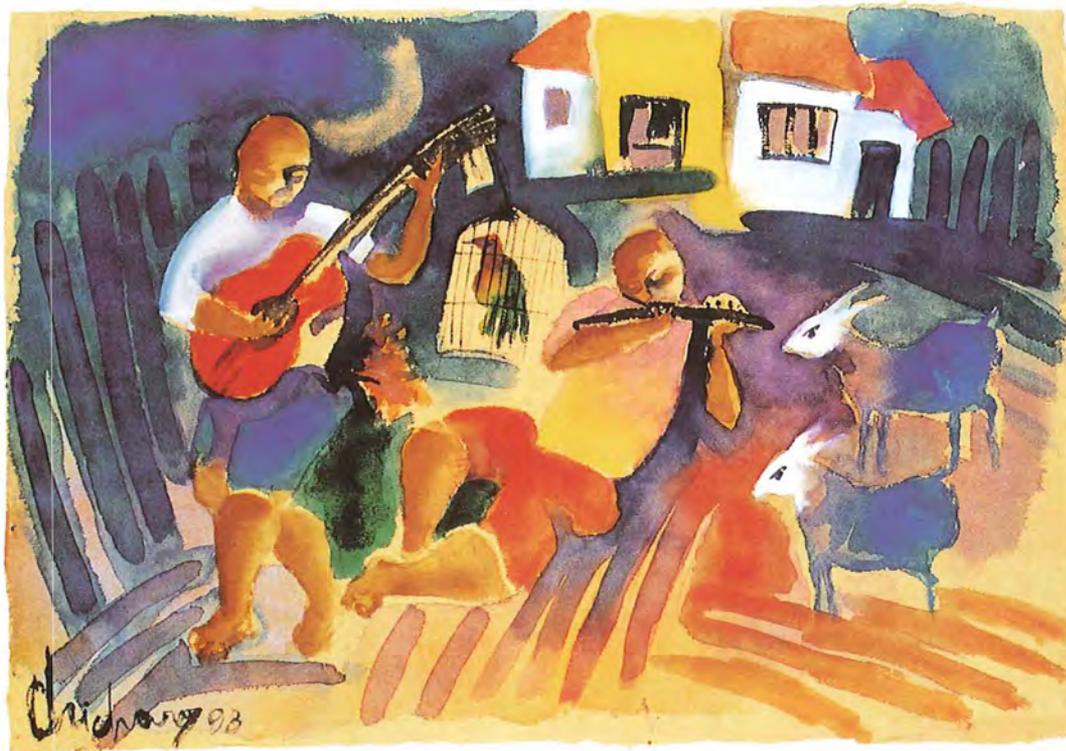
Sou muito crítico comigo mesmo. O meu irmão olhou-me nos olhos e desafiou-me: “Se estás com essas dúvidas todas, porque é que não vais para onde ninguém te conheça e enfrentas as coisas?”. Mas para onde? “Para Lisboa”, disse-me.

**Não era uma deslocação muito acessível...**

Comprei uma passagem na TAP a prestações, um esquema chamado “viaje depressa e pague devagar”. Arranjei massa para pagar o bilhete — custou onze contos, nunca mais me esqueço —, agarrei numas coisas, meti meia dúzia de quadros debaixo do braço e vim para aqui.

**Estávamos em que ano?**

Em 1970. Fui batendo a portas, mostrando em galerias, enfrentei atónito esse mundo de códigos tão peculiares. Entretanto, havia uma Casa de Moçambique, uma coisa esconsa na Rua dos Condes, espécie de casa de reformados, mas disseram-me: “Sim senhor, se quiser pendurar para aí as suas coisas, pendure”. Eu lá pendurei. Foram passando uns amigos, e um belo dia aconteceu uma coisa muito estimulante: o Eurico Gonçalves, que vim a conhecer depois, tinha escrito umas linhas que me deram muito ânimo e que ainda guardo. Foi o único comentário directo, fundamental, pois



considerava a minha arte com seriedade, aumentando-me a vontade de continuar.

**Foi esse o factor que fez com que as coisas mudassem?**

Foi muito importante. Afinal era um crítico de arte que, sem nenhuma obrigação ou necessidade de ser simpático, tece considerações positivas sobre os meus quadros. Logo a seguir aconselharam-me a concorrer ao salão anual de arte moderna de Luanda, onde fui premiado. A partir daí as coisas tornaram-se mais promissoras.

**A pintura já era a actividade principal?**

No princípio não sobreviveria apenas dela. Ainda em Moçambique sim, pois não só ven-

dia os quadros como trabalhava em painéis publicitários e campanhas, decorava os pavilhões de Moçambique nas feiras internacionais, já vivia do risco... Depois, em Portugal, nos finais dos anos 70, optei pela profissionalização, um risco que tinha de assumir se quisesse progredir.

**As bolsas foram um bom estímulo?**

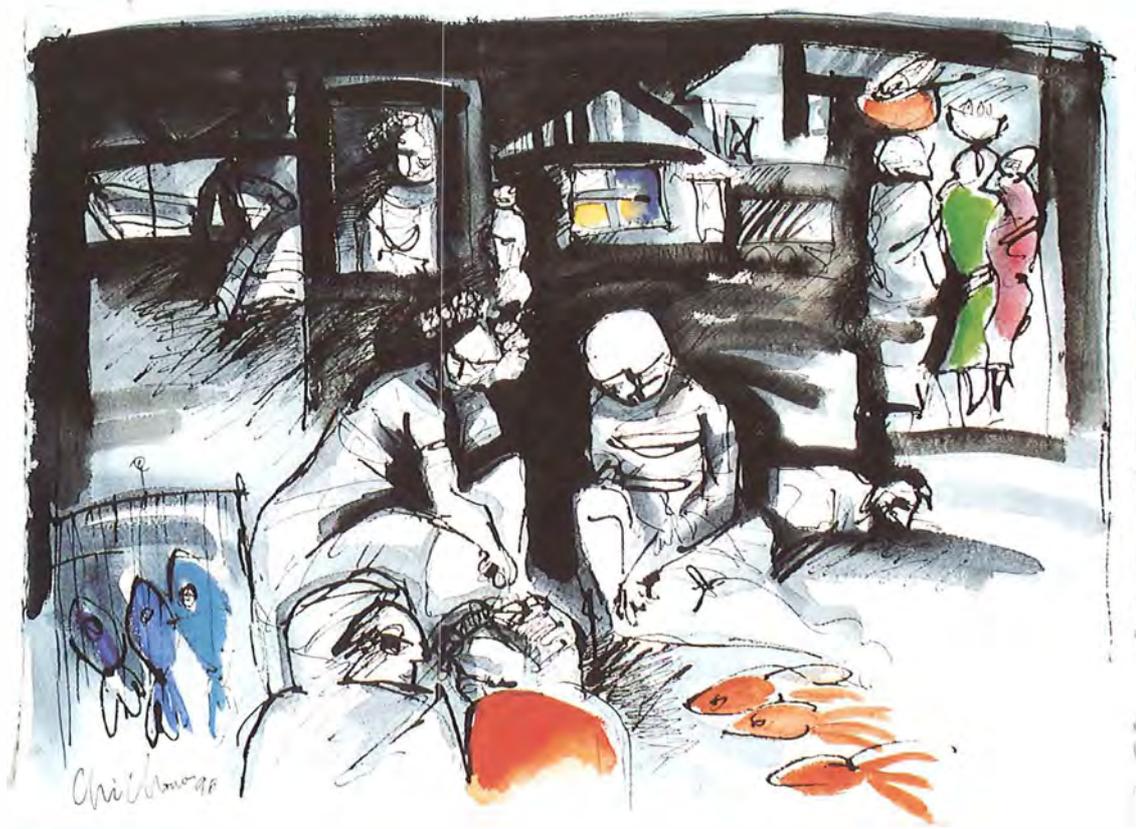
Sem dúvida. No princípio dos anos 80 ganhei a bolsa para Madrid, onde estive três anos. Antes tinha ido dar uma volta pela Itália, nove meses em Roma e outro em Florença, para observar, ver os mestres, conhecer gente. Após Madrid regressei a Moçambique e tornei a Portugal com nova bolsa.

Mas o destino de um bolsheiro seria regressar a África no término da bolsa. Nessa altura era impensável viver da pintura em Portugal, não?

Ter-me-ia ido embora, ser pintor profissional em Moçambique. Mas acabei por cá ficar porque o António Inverno sugeriu que fosse viver para sua casa durante um ano. Durante todo aquele tempo, a família do António foi a minha família. Tinha espaço para pintar, espaço para viver, foram incedíveis de amizade para comigo. Comecei a expor, a vender, criei um espaço próprio e fiquei por cá.

Essas vivências são importantes para afirmar o artista, mas há uma base anterior: a paleta de cores, o próprio traço.

Ao fim e ao cabo, foi o ambiente do meu crescimento. Passo a ser conhecido quase aos 40 anos. Até lá, foi a aprendizagem da vida, o quotidiano africano a influenciar-me a cada momento: toda a essência da cor, a maneira de estar, os gestos. Nunca tive uma influência artística específica, uma escola que me formasse o traço. Vou crescendo todos os dias, costumo dizer, e a pintura acompanha-me. Vamos con-



tactando, vendo coisas e, quase inconscientemente, absorvem-se formas, movimentos, volumes.

**Este olhar sobre os gestos do povo, muito presentes no teu trabalho, é um dado adquirido desde o início?**

Sim, sim. Desde a tropa. São os meus pilares de memória, o meio onde cresci; apetecia-me muito falar daquelas pessoas, prestar-lhes esse tributo, libertar na tela, para os outros, a observação de um quotidiano carregado de força, com dinâmicas próprias, numa interacção de gentes, objectos e ritmos. Aquelas mulheres de trabalho dos bairros pobres, o encanto de terem um vestido de cetim, as próprias prostitutas, as bicicletas, os jogos que tínhamos, as gaiolas e os pássaros, os peões, os brinquedos que, como qualquer criança pobre, construía com as próprias mãos, pois o meu pai era um operário sem dinheiro para comprar-nos brinquedos. Tudo ficou, e acho que vale a pena transmiti-lo.

**É interessante que após tantos anos geograficamente distante dessa mundivivência, ela contenha a força de imagens prevaletentes como valência essencial da tua criação.**

Por mais voltas que dê no mundo há sempre uma gaiola, uma bicicleta, uma mulher que regressa do trabalho. E há coisas que surgem de repente, muitos anos mais tarde, como os papagaios, os peões, memórias que permaneciam apagadas e que surgem sem explicação, saltam do imaginário para a tela, depois de guardados tanto tempo. Ultimamente lembrei-me de outra coisa que fez parte da minha infância e me encantava: os gramofones de corda que tocavam nas casas onde nem havia electricidade.

**A esse mundo do reencontro material com a memória quase que se contrapõe, ultimamente, uma tendência mais abstracta, onde formas e cores mantêm o apego aos elementos de inspi-**

**ração anteriores, mas os contornos finais aparecem depurados, simplificados, como que num mundo onírico que não necessita de precisão.**

Há as memórias que se despejam inevitavelmente, há a pintura em si que provoca a evasão do plano da linguagem muito concreta, muito dita, a abstracção que desvenda a sensibilidade para a matéria, para a cor, para os volumes, um certo jogo onírico, como dizias, que não despreza a representação do real mas está já para além dessa “limitação”. É verdade que estou experimentando essas sensações cada vez com mais intensidade e permanência.

**É quase uma indecência perguntar isto a um criador... mas qual das vertentes é mais forte? A que transpõe da memória o teu povo, ou a que é mais interior, diria quase que do mundo da psique?**

Se é que há uma parte mais forte, a última é que começa a ganhar peso. A primeira fase existe há muito, já se falou muito nela. E embora estejam sempre presentes os motivos da sua inspiração, a verdade é que se esgotam processos de representá-los e por isso se chega ao depuramento. A memória é a mesma, as vozes, as mediações, os desejos, os ambientes. Sentindo-os da mesma forma, descobrimos maneiras diversas, mais expurgadas de as pôr cá fora. Uma outra linguagem, se quiseres chamar assim. Neste momento começa a ser menos importante a parte descritiva. As coisas estão lá — as pessoas, os objectos —, mas não necessitam de uma “história” por detrás. Estão lá e bastam-se, têm força própria nessa relativa abstracção.

**Consideras ser uma evolução natural num pintor? Acontece frequentemente.**

Acho que sim. Eu não forcei nada disso, tive necessidade de progredir nesse sentido. Há um factor de maturação das ideias que deve ser levado em linha de conta. Um tratamento, uma refi-

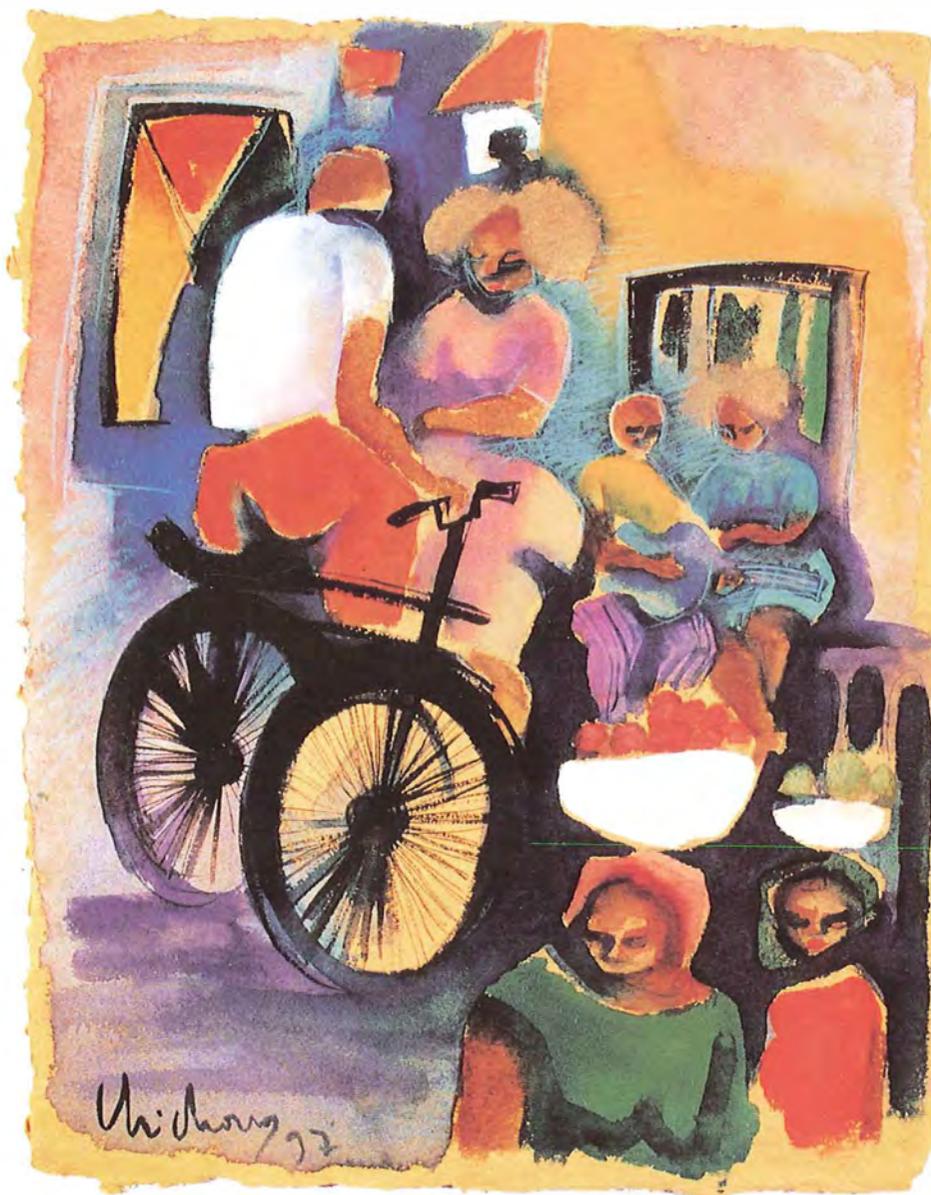
nação dos traços, dos volumes conquistados através das cores, uma concentração de elementos expurgado que está o acessório.

**Quando se dá um regresso a Moçambique — imagino que tem havido vários —, que impacto tem do ponto de vista da pintura? Há uma recarga de referências, vais lá com esse objectivo específico?**

Não, a recarga “dos pincéis” vem através da recarga das coisas do coração, dos afectos, dos gestos entre as pessoas, sentir as coisas na pele. Mas não é um dado específico de Moçambique, o mesmo se passa comigo em Cabo Verde ou na Guiné, por exemplo. Porque aí encontro as mesmas imagens, encontro os mesmos sonhos nas pessoas, as mesmas amarguras, as mesmas dificuldades, os mesmo encantos. Nunca vou de papel debaixo do braço, nunca faço rascunhos, não tiro fotografias. Retenho no olhar, guardo na memória. Eu vou é de coração, e apaixono-me pelos instantes e pelas pessoas. As coisas vão fermentando cá dentro e um dia saltam cá para fora.

**Como é que um criador com referências de uma sociedade tão diversa daquela em que vive há décadas resiste à influência das cores, das vivências, da luz, bem diversas?**

Não é complicado porque sinto-me realmente fruto de duas culturas. Não por agora viver em Portugal e estar em contacto com a Europa, mas desde sempre. Afinal, só cá estou há cerca de doze anos, o meu imaginário estava absolutamente formado quando saí de Moçambique. Foi lá que adquiri uma cultura de simbiose, sou essa mistura de saberes, uma educação em casa e na escola que referenciava a parte do meu avô, e a outra, a cultura negra pela parte da minha avó. Fui habituado a viver com as duas desde miúdo. Estou cá perfeitamente integrado, como me sinto bem lá. A única diferença são as



dez horas de voo do aeroporto da Portela ao de Maputo. Não me faz qualquer aflição, é rigorosamente natural: continuo a viver dos dois lados, mesmo quando habito só num.